

## PORTUGAL 2

Hoje, 7 de janeiro de 2012, fomos conhecer Piódão, que se localiza na grande região chamada Beira (parte central de Portugal), a cerca de 85 km a leste de Coimbra.

Há mais de 10 anos atrás, Maurício de Abreu havia nos falado desta cidade que, de fato, é muito especial. Localiza-se na Serra do Açor e está erguida sobre suas encostas, como se as casinhas estivessem ali penduradas por um fio.



As construções são de ardósia e xisto. Moram, na cidade, cerca de 60 pessoas, que parecem viver de um pequeno turismo, como o nosso, rápido, feito em algumas horas: trata-se de gente que chega, dá uma volta pela cidade, compra uns cartões postais, faz um lanche, no máximo almoça, adquire algum artesanato e depois se vai.

No passado, essa cidade tinha uma situação geográfica interessante, pois ocupava em posição estratégica na rota comercial entre Coimbra e Covilhã. Antes, ainda, numa fase de vida estritamente agrária, o pequeno aglomerado surgiu de um ponto de parada de pastores de ovelhas.

Hoje, com as autopistas, percebe-se que há toda uma preocupação em atrair visitantes. Apesar do grande número de casas abandonadas nas imediações, no núcleo principal, a maior parte está bem conservada, com as janelas e portas pintadas de azul royal, o que ajuda a amenizar a tristeza que as paredes e tetos de xisto poderiam causar.

A capela está sendo recuperada e há um hotel erguido a mais ou menos 1000 metros, em encosta posicionada para que todos os apartamentos tenham vista para Piódão. Fico perguntando se esta cidade é apenas boa para se ver, ou se, para alguns, ela é também um lugar bom para se viver. Começo a supor o controle social que deve ser estabelecer, numa freguesia como esta em que as janelas e portas das casinhas estão, muitas vezes, a menos de dois metros uma da outra e que a população total não atinge uma centena de pessoas.



As encostas terraceadas, que podemos ver no entorno, são de encantar, revelando uma espécie de mescla perfeita entre o natural, o

rural e o urbano, este se adaptando primeiro, ao contrário da maior parte das cidades que surgiram no último século.

Logo depois, Eda conta que há uma placa informando que estamos numa “cidade presépio”. É, exatamente, esta a impressão que se tem: a de uma vida urbana em miniatura, que não chega a se realizar completamente.